

Uma História  
Real de Coragem  
e de Esperança

# ENCONTRAR O AMOR EM AUSCHWITZ

O relato dramático  
e comovente da união  
de Mala e Edek

FRANCESCA PACI

M O G A I S

# ÍNDICE

Introdução .....	11
Mala .....	19
A prisão .....	37
Edek. ....	53
Birkenau .....	69
O encontro. ....	111
A fuga .....	145
A execução. ....	161
Epílogo. Uma história esquecida .....	191
Agradecimentos .....	209
Bibliografia .....	215

**N**a noite do dia 27 de janeiro de 2014, depois de acabar de escrever um artigo para o jornal *La Stampa* sobre o 70.º aniversário da libertação de Auschwitz-Birkenau, pensava nas testemunhas que haviam participado na cerimónia, lúcidas e persuasivas como sempre, mas que eram cada vez menos. O meu pai, que nunca tinha estado no campo, acompanhou-me. Enquanto comíamos *pierogi* num restaurante à beira da estrada que ia para Cracóvia, trocava ideias com Michele Curto, um precioso amigo, vereador municipal na cidade de Turim e, sobretudo, uma alma infatigável do Comboio da Memória, ajudando a organizar, há mais de 15 anos, viagens aos lugares do extermínio destinadas a milhares de estudantes italianos que, depois, regressam a casa totalmente transformados.

Foi nessa altura que propus ao jornal fazer uma entrevista a cinco sobreviventes cujas histórias de vida fossem menos conhecidas e publicar, depois, o meu contributo para que as suas vozes se perpetuassem. Veio assim a lume um livro digital intitulado *Se chiudo gli occhi muoio* [Se fechar

os olhos, morro], que teve alguns lançamentos e algumas apresentações e, sobretudo, criou a vontade persistente de continuar a escrever sobre Auschwitz. Mas como poderia eu fazê-lo? Não sou historiadora e a matéria em causa teria de ser manejada com cautela ou mesmo com certa inibição. Pedi ajuda a Jadwiga.

Jadwiga Pinderska-Lech é uma figura central em toda esta aventura, tal como Michele Curto que, por conhecer o país e a língua e por ter sido um dos pioneiros do Programa Erasmus na Polónia, nas vésperas do colapso da União Soviética, me acompanhou materialmente no caminho do livro. Jadwiga dirige a editora do Museu Estatal de Auschwitz-Birkenau e ainda que seja franzina, loura e aparentemente tímida, traz dentro de si a imensidão das memórias de todos aqueles que, antes de morrer, decidem contar o que viveram no campo. Ouve-os, filma-os e, mesmo depois de o testemunho ter sido recolhido, continua com doçura a visitá-los e a telefonar-lhes para saber se estão bem, até ao derradeiro momento, tal como aconteceu na última vez que a vi na Polónia, em novembro, quando recebeu através de um familiar a triste notícia da data de um funeral.

Jadwiga falou-me de Mala Zimetbaum e de Edek Galiński, dois deportados a quem os seus colegas do Museu chamam de «Romeu e Julieta», mas que, curiosamente, são muito pouco conhecidos no exterior. Honestamente, nunca tinha ouvido falar deles, mas a verdade é que também não sou uma especialista, muito pelo contrário. Mas, efetivamente, o facto de nada saber acerca de uma judia lendária entre as detidas, pela quantidade de vidas que

salvou, que se apaixonou por um prisioneiro político polaco, acabando mesmo por fugir com ele, parecia-me estranho. Tal como me aconteceu, a quem quer que eu perguntasse depois se havia ouvido, pelo menos uma vez na vida, a história de Mala e de Edek, a resposta era um incrédulo desconhecimento. Cada vez mais intrigada, tomei então a decisão de deitar mãos ao trabalho.

Apesar de ter nascido na Polónia, Mala fora deportada de Antuérpia, uma cidade que eu conhecia bastante bem porque, poucos meses antes, a percorrera de lés a lés para seguir o primeiro processo europeu aos *foreign fighters*, os jovens voluntários recrutados na Síria pelo então emergente Estado Islâmico. Estávamos no outono de 2013 e a Bélgica estava a braços com o surpreendente número de jihadistas recrutados e enviados para a fronteira turca com o mito do Califado. Também conhecia bem o bairro de Borgerhout, onde Mala viveu, porque era ali que, na década de 1930, estavam concentrados os judeus que encontravam abrigo na Bélgica para fugir à discriminação e ao antissemitismo crescente, e é ali que hoje vivem os imigrantes magrebinos de segunda e terceira geração, uma cidade na cidade, onde os pregadores do ódio pescam de mão estendida.

A pouco e pouco, fui-me debruçando sobre as personagens, procurando o que delas ainda hoje existia. Não muito, em boa verdade. Além dos documentos oficiais sobre a sua vida antes de Auschwitz, a prisão, a breve fuga e a execução exemplar, há testemunhos dos deportados que as conheceram pessoalmente. São sobretudo memórias escritas, pois já quase todos morreram. Por esta razão,

recolhi, cuidadosamente, as preciosas vozes de quem pode dizer «eu estive lá» e descrever tudo quanto os seus olhos viram: Léon Schummer, Dolf Galant e as sobreviventes Eva Fastag, Halina Birenbaum, Marceline Loridan-Ivens.

Sabemos realmente muito pouco sobre estas duas magníficas figuras, sobre Mala e Edek. Os seus únicos 13 dias vividos como seres humanos em liberdade são uma imagem evanescente da qual resta apenas o caminho entre os bosques e as colinas e umas poucas dezenas de quilómetros nos campos polacos em volta que, desde então, pouco ou nada mudaram. Ao longo dos anos, porém, mudou a intensidade da recordação que ficou destes jovens apaixonados: de início, mais vívida graças aos testemunhos e, depois, cada vez mais um território só acessível aos estudos especializados. Por diversas razões, nem da parte da família de Mala, nem da parte da de Edek foi manifestada qualquer vontade de que fossem lembrados e de que a sua herança fosse perpetuada. Ambos eram demasiado anómalos e a sua relação demasiado fora dos esquemas dentro do abismo aniquilador de Auschwitz.

O círculo fecha-se e, se fechar os olhos, morro, mas para manter os olhos abertos é preciso continuar a contar, como Sherazade. E eu tenho orgulho de contar a história de Mala e Edek, não porque seja mais importante ou mais comovente do que milhares de outras histórias exterminadas pelos nazis, mas porque, ao se falar de amor, se fala também de algo que quem não teve a experiência do campo pode compreender e assim perpetuar, até ao momento em que os últimos protagonistas deixarão de falar. Esta não é uma reconstrução histórica que preveja uma verificação

pontual e filológica das fontes, nem uma reflexão especializada no universo de Auschwitz. Com efeito, muitas das memórias que aqui trago são, pela sua própria natureza, subjetivas e falíveis. É uma história sem um final feliz, como por vezes acontece nas histórias reais.

Mas, de repente, da imensidão das redes que, durante meses, sondei em vão, emerge uma mulher de 33 anos do Equador, que se apresenta como Malka San Lucas. É a sobrinha da filha da irmã mais velha de Mala Zimetbaum, a quem foi dado o seu nome. Edek não teve semelhante sorte, pois o pai, desesperado pela perda de um filho em nome de um amor que, para si, era errado, pôs uma espécie de hipoteca sobre o futuro. Malka San Lucas, no entanto, sonha em dar à luz uma menina a quem possa, uma vez mais, pôr o nome de «Malka» ou de «Mala». E se ela viver, ele também viverá.

Roma, 10 de dezembro de 2015

1.

MALA



**N**a madrugada do dia 1 de setembro de 1939, os soldados do Terceiro Reich levantam a cancela da fronteira alemã e invadem a Polónia. Malka Zimetbaum tem 21 anos e vive em Antuérpia, o grande porto flamengo junto ao mar do Norte, para onde, aos 10 anos, se mudara com o pai, a mãe, as duas irmãs e um irmão. O serviço de imigração da Bélgica regista a chegada dos Zimetbaum, um após o outro, entre 1926 e 1930; eles são uma das milhares de famílias judias que, logo após a Grande Guerra, haviam começado a deixar a Polónia, abalada por sinistros frémicos antissemitas. O êxodo aumentava de ano para ano e, no final da década de 1930, na Bélgica, nove em cada dez judeus eram estrangeiros.

Outrora, tal como agora, a história da imigração é um ciclo de cursos e recursos. Na cidade natal de Brzesko, a cerca de 50 quilómetros de distância de Cracóvia, onde casara com a operária Chaya Schmelzer, também da sua idade, e onde os filhos vieram ao mundo, Pinkas sente a tempestade a aproximar-se. Apesar de pobre, a Galícia é uma região culturalmente vibrante onde reside uma boa

parte dos três milhões de judeus polacos recenseados, isto é, dez por cento do total. Mas os tempos estão a mudar. A guerra polaco-soviética de 1919 criou terreno fértil para a afirmação do Partido Nacional Democrata, Endecja, uma força política conservadora que, além do mais, acusa os judeus de pouco patriotismo e de simpatias bolcheviques. A intolerância traduz-se nos primeiros *pogroms* em Pinsk, em Lviv e Vilnius. Em 1924, quando Adolf Hitler escreve *Mein Kampf*, o comerciante Pinkas Zimetbaum parte em busca de um lugar melhor. Depois de dois anos em Mainz, onde vivera com a mulher e os primogénitos Salomon e Gitla, entre 1913 e 1917, chega por fim a Antuérpia, a capital mundial dos diamantes, de fama cosmopolita e também um grande pulmão para os judeus da Europa, conhecida como a «Jerusalém do Norte». A primeira morada é em Van der Meydenstraat n.º 18. Nessa altura Pinkas chama para junto de si Salomon, então com 17 anos, e assim que consegue alcançar um bom salário, a que junta os 175 francos belgas semanais ganhos pelo rapaz, reúne a família.

Malka, ainda uma criança, chega a Antuérpia no fim do ano de 1928. Nesse momento, por um breve período, a família Zimetbaum está de novo toda junta, em Berchem, na parte meridional da cidade. Em 1931, a irmã mais velha, Gitla, empregada no setor dos diamantes, casa com Fawel Abramowicz, um sapateiro de origem polaca que emigrara no ano anterior, deixando para trás uma série de complicações judiciais. Ainda que tenha um trabalho em que ganha 500 francos à semana, em Bruxelas, Fawel é barrado pelas autoridades na sua terra natal, Kamińsk,

onde, em 1928, foi condenado a quatro anos de cadeia por contrabando de dinheiro falso e por posse de documentos falsificados. Gitla queria ficar junto dos pais, sobretudo depois de 1933, quando nasce a filha Jeannette, mas Fawel tem demasiados processos em curso, tanto na Polónia como na Bélgica. No fim do ano de 1935, sem autorização de residência, parte para a América do Sul, para onde, alguns meses depois, partirá também a mulher e a filha.

Gitla faz as malas, Solomon e Jochka estão ainda em casa, mas será por pouco tempo. A família vai-se reduzindo em número. Depois de algumas mudanças de casa, Malka, a mais nova, estabelece-se com os pais num apartamento com três quartos e cozinha no terceiro andar de um prédio estreito em Borgerhout, o bairro dos imigrantes por antonomásia — o mesmo bairro no qual, hoje em dia, jovens marroquinas de rosto velado empurram carrinhos de bebé e carros das compras, passando em frente à pequena placa comemorativa afixada no n.º 7 de Marinisstraat, a única dedicada a Mala Zimetbaum.

É uma jovem e bela mulher, esperta, com aptidão para a matemática e para as línguas. Nas poucas fotografias conservadas no arquivo do Museu Kazerne Dossin de Malines, parece ter um ar seguro de si, de alguém que segue as tendências da moda, uma jovem emancipada que sorri para a objetiva, de braço dado com a amiga Mizi Baum. A prima Giza Weisblum considera-a um modelo de independência e, a brincar, descreve-a como «um rapaz falhado». É uma força da natureza, Malka. Mas, aos olhos da irmã mais velha, Jochka, conserva a ternura de uma

menina, «a intelectual da família» que não é capaz de resistir «ao pudim de chocolate».

Apesar da indústria de diamantes, a maioria dos judeus de Antuérpia não vive assim tão bem. Na Bélgica, no fim da década de 1930, vivem cerca de 75 mil judeus, 90 por cento dos quais vindos de 60 países, fugindo à miséria e à discriminação. A família Zimetbaum não constitui uma exceção, pois são imigrantes pobres que fizeram de um país ávido de mão de obra barata a sua casa, mas que, depois, em privado, tendem a formar comunidade com os seus conterrâneos. Quando Pinkas perde a visão e deixa de poder exercer a sua atividade de comerciante ambulante de tecidos para casa, a responsabilidade passa inteiramente para o primogénito Salomon. Chaya também contribui com as suas peças de malha, mas não é suficiente. Os filhos arregaçam as mangas, incluindo Malka.

«Toda a cidade de Antuérpia admirava a dedicação com que a Mala acompanhava o pai para todo o lado, era a imagem da força tranquila», conta Romek Hutterer, um amigo dessa época que Mala irá reencontrar mais tarde, nos blocos de Birkenau. A promissora estudante, que sabe flamengo, inglês, francês, alemão, polaco e ídiche, é forçada a deixar a escola por um primeiro lugar de costureira na Maison Lilianes e, mais tarde, no negócio de diamantes, tal como Salomon e Jochka. Contudo, os livros serão sempre a sua paixão. Jochka recorda que chegava tarde a casa vinda da Biblioteca Nacional, atravessando as ruas escuras, com os olhos inflamados pelas longas horas passadas a folhear livros atrás de livros e trazendo no rosto marcas de cansaço, mas não ao ponto de desiludir a sua

família e cancelar o ritual noturno no sofá de Marinisstraat, todos juntos a ouvir as «lições» de Malka.

Volvidos quase 90 anos, a Biblioteca Nacional é sempre a mesma, tal como as vielas pedonais do bairro dos diamantes, onde os indianos substituíram os judeus nos lugares de comando. Ao anoitecer, quando as ruas se esva-  
ziam de gente e dão destaque aos edifícios intemporais, é fácil imaginar Malka com a mala a tiracolo, a atravessar a Pelikaanstraat, a passar o Borgerhout e o silvo dos comboios a vapor, as lojas de pedras preciosas na Hoveniersstraat, a pequena sinagoga, a Bolsa, os judeus ultraortodoxos com os caracóis longos a andar de bicicleta pela Lange Leem-  
straat, Belgiëlei, Plantin em Moretuslei, as mulheres de peruca e de meias pesadas, rodeadas de cachos de crianças vestidas de preto e branco. Os edifícios são os mesmos de outrora, mas os velhos habitantes já quase não existem.

«Ambos militávamos na juventude sionista do Hanoar Hatzioni», conta Dolf Galant no seu apartamento de Antuérpia, de onde raramente sai. Em 1933, ano em que Hitler é nomeado chanceler do Reich, Malka, a quem todos tratam por «Mala», inscreve-se no Hanoar Hatzioni, um dos 16 grupos sionistas da cidade, nascido da cisão dos progressistas do Hashomer Hatzair. É aqui, no meio dos jovens que assimilam as ideias de Theodor Herzl e que sonham em emigrar para um *kibutz* na Palestina, que Mala conhece Charles Karel Sand, a quem chamam, na intimidade, «Charlotie», pela sua semelhança com Charlie Chaplin.

Charles, três anos mais novo, é o amigo especial com quem Mala irá ao cinema, durante meses, ver os filmes de Charlot ou os espetáculos de teatro político, como os

espetáculos sobre a guerra civil espanhola da companhia teatral amadora Wending. Dão passeios de barco e de bicicleta à beira dos canais de Malines. Trocaram entre si as mais atuais das mais de 60 revistas judaicas citadinas, planearam o seu casamento. Charles e Mala devem ter querido casar-se. Ao contrário deles, Dolf Galant conseguirá salvar-se ao pagar a um traficante para levar a família para a Suíça: «A Mala estava sempre a sorrir, era corajosa. Quando, mais tarde, soube que manteve a cabeça erguida até ao último momento, diante das SS encarregadas da sua execução, não fiquei surpreendido. Tinha fibra. Nessa época éramos jovens. A guerra estava longe. Aos sábados fazíamos excursões pela montanha e lembro-me especialmente de um acampamento nas Ardenas, com tendas para rapazes e tendas para raparigas».

Antuérpia mudara desde que os Zimetbaum haviam chegado. Na última década assistira-se à erosão da tolerância relativamente aos imigrantes, sobretudo judeus, sobre quem recaem os preconceitos do catolicismo tradicional e do nacionalismo flamengo. Quando, em 1936, Salomon se casa com Etel Herstein, uma judia de origem húngara, é obrigado a fornecer, antes da cerimónia, um certificado no qual se compromete a sustentar a mulher e garante que ela não trabalhará na Bélgica. Os nazis encontrarão, assim, um terreno fértil. *La Belgique docile*, um relatório do governo belga datado de 2004, evidencia o facto de, nos anos que precederam a invasão alemã, se terem criado as circunstâncias ideais para uma colaboração ativa das autoridades locais na deportação dos judeus, uma espécie de cumplicidade com os ocupantes particularmente

visível em Antuérpia. É no porto desta cidade que, em junho de 1939, atraca o transatlântico *Saint Louis*, cheio de judeus alemães cuja entrada fora recusada nos Estados Unidos, no Canadá e em outros países, apesar de, no seu âmaguço, proliferarem frustração social, medos, antissemitismo atávico.

Mala lê os jornais, respira o ar cada vez mais envenenado, pressente a fragilidade do presente, mas é uma jovem cheia de vida. Mesmo com a dor do luto pelo pequeno Jehuda, o terceiro filho de Pinkas e Chaja, que morrera muito novo na Alemanha, a família Zimetbaum cresce, celebra casamentos e *brit milah*, o rito da circuncisão. Gitla muda-se para o Equador com o marido Fawel e a pequena Jeannette. Jochka prepara as núpcias com Efraim Isak Schipper, um tipógrafo polaco emigrado em 1930, oriundo de Tarnów, que se dedica à lapidação de diamantes. Salomon e Etel Herstein, que é carinhosamente tratada por «Etusch», têm dois filhos, Max e Bernard, e a estes, em 1940, junta-se Herman. Os três netos serão depois, efetivamente, adotados pelos avós, quando Etusch morre ao dar à luz o filho mais novo. Os ventos que vêm de fora não são bons, mas, no dia a dia familiar, há um ambiente de festa. Mala passa os dias com Max e Bernard, com Charles, que vive a poucos quarteirões de distância, com os companheiros do Hanoar Hatzioni, com quem, à semelhança do escotismo, aprende a arte de se desembaraçar: coser, cozinhar, fazer fogueiras, jogar xadrez, organizar palestras, aproveitar o tempo livre estudando, por exemplo, a língua hebraica, tão pouco considerada pelos ortodoxos inimigos do sionismo.

Charles, alto e loiro, desportista, exímio lapidador de diamantes e otimista incorrigível, é também ele um militante sionista; faz parte do Betar, um grupo mais à direita do que o Hanoar Hatzioni. O rasto deste jovem perde-se na memória da família Sand e, somente muito tempo depois, através do sobrinho Charles, será trazido à luz do dia, através de uma agenda do ano de 1944 e de um conjunto de instantâneos sépia.

Charles Sand júnior tem hoje 60 anos. Na companhia da sua filha Chantal, espalha os retratos do tio e de Mala na mesa do café Wattman, perto da estação de Berchem, o bairro dos namorados de então. É sábado, está-se em meados de setembro, e chove. As imagens remetem para os dois anos anteriores à invasão alemã, mas a Antuérpia pouco movimentada de então não parece diferente das ruas desertas que, com o fim do sabat, progressivamente se vão enchendo de rabinos de barba e chapéu preto: «O meu pai era o irmão mais novo do Charles e sobreviveu porque foi escondido por uma amiga da família que não era judia. Nunca me disse nada sobre ele, mas ouvia-o falar com a minha avó sobre a história do Charles e da Mala. Quando morreu, fui vasculhar os seus documentos. Charles era membro do Betar e encontrei o cartão dele assinado por Joseph Trumpeldor. Creio que ele e a Mala eram namorados, porque andavam sempre juntos. O Charles contou os dias a partir da prisão dela». As fotografias contidas num álbum mínimo de cartão imortalizam um tempo suspenso: ela numa festa em casa dos Sand, ele e ela de braço dado no meio de viçosas senhoras de chapéu com véu de rede,



ele e ela no meio da neve, ela vestida com o uniforme do Hanoar Hatzioni a fazer poses na ponte de pedra, ela num relvado, ela num campo de trigo, ela com uma saia *evasé* e uma camisa branca de acordo com o gosto pela elegância sóbria da época aprimorado pelo ofício de modista. Há também uma pequena agenda castanha do ano de 1944, onde, desde o dia 1 de janeiro, Charles escreve apenas uma série de números progressivos: 529, 530, 531. No dia 23 de março escreve: «*nouvelles* da Mala». Depois recomeça a contagem.

O café Wattman já existia neste mesmo lugar na década de 1930. Os clientes de hoje são todos eles muito novos, rapazes e raparigas nascidos na viragem do novo milénio, quando a maioria dos sobreviventes do Holocausto já não podia dar o seu testemunho. Charles júnior pede um *cappuccino*, pega na caneta e segue o percurso mental do tio de quem herdou o nome, começando pelo dia 22 de julho de 1942, data do cerco aos judeus, durante o qual Mala foi capturada. Salvo as primeiras duas semanas no campo de Malines, quando ela provavelmente consegue enviar mensagens para o exterior, os dias da contagem batem certo. No dia 17 de junho de 1944, Charles anota o número «697», e depois mais nada. De acordo com os dados cruzados do arquivo do Museu Kazerne Dossin e do Holocaust Survivors and Victims Resource Center [Centro de Recursos para Sobreviventes e Vítimas do Holocausto] de Washington, entre o dia 17 e 20 de junho de 1944, Charles foi preso e conduzido ao campo de Malines. Partirá para Auschwitz no dia 31 de julho, no comboio XXVI, o último comboio do macabro percurso que, em

dois anos, transportará da Bélgica para a Polónia mais de 25 mil judeus e 352 ciganos, 95 por cento dos quais nunca regressarão.

A história de Charles junta algumas pinceladas à história de Mala, ao passo que o seu rosto magro se vai desvanecendo, até desaparecer no meio dos últimos deportados.

No verão de 1939, a catástrofe está iminente. A onda cresce há meses. No dia 30 de janeiro, quatro dias depois do 20.º aniversário de Mala, Hitler proferiu, frente ao Reichstag, a histórica acusação contra o binómio bolchevismo/judaísmo, anunciando que a Alemanha combateria o inimigo sem tréguas. Charles e Mala fazem planos na sua juventude, mas têm consciência das nuvens que se avolumam no horizonte. Jochka diz que a irmã nunca confiou nos alemães, pois estava convicta de que, mais cedo ou mais tarde, iriam pôr os judeus no meio da rua.

Em Antuérpia há um clima cada vez mais tenso. Os jornais católicos *Gazet van Antwerpen*, *La Libre Belgique* e *Le Pays Réel* relançam a propaganda nazi, publicando cartoons fortemente antissemitas, em que os judeus são comparados a uma infestação de gafanhotos invasores ou, então, representados como capitalistas balofos, com um imenso charuto na boca, que enriquecem à custa da comunidade local. O grupo de extrema-direita *Volksverwering* multiplica os panfletos que acusam os judeus e os estrangeiros de roubarem os empregos aos belgas. Nos bairros como o Borgerhout, onde se concentram os 30 mil judeus de Antuérpia e cerca de três dezenas de sinagogas, funcionam as associações de defesa dos direitos dos judeus e

a União de Resistência Económica de Antuérpia que, já desde meados da década de 1930, promovem o boicote aos produtos alemães nas poucas lojas de simpatizantes. Também o Partido Socialista Belga tenta bloquear esta tendência e, no dia 1 de maio de 1938, grita nas ruas «Não ao fascismo e ao antisemitismo» e «Direito ao trabalho para as massas judias». Mas o vento sopra já de outro quadrante.

A família Zimetbaum segue à distância os primeiros meses da Segunda Guerra Mundial, com o compasso das angustiantes notícias dos parentes que haviam ficado na Polónia e da progressiva construção dos guetos de Łódź, Lublin, Cracóvia e Varsóvia, onde os judeus vivem literalmente amontoados com outras famílias de conterrâneos imigrados, que são já 40 por cento dos judeus estrangeiros, mas têm ainda esperança de que a Bélgica seja um país seguro.

Na primavera de 1940, ao mesmo tempo que, a mil quilómetros de distância de Antuérpia é inaugurado o campo de Auschwitz, construído em velhas casernas do Exército polaco, os alemães invadem a Bélgica, obrigando o exército à rendição. Ao fim de algumas semanas, instauram a administração militar que irá impor depois o registo dos judeus. Pouco a pouco, o antigo forte militar de Breendonk é adaptado à função penitenciária e as prisões multiplicam-se. Os judeus são interditados ao exercício das profissões liberais, à frequência das escolas públicas, ao uso da estação, num crescendo de proibições que, em 1942, chega mesmo a impedir o acesso aos parques, ao cinema, ao teatro, ao estádio, as deslocações dentro da

Bélgica, a posse de rádio e até de pombos. Em dezembro de 1940, os primeiros 2656 judeus são deportados para Limburg.

O trabalho de Mala fica tremido. O conhecimento que tem de diversas línguas permite-lhe manter o seu lugar, ao passo que outros vão sendo despedidos. Mas também para ela será apenas uma questão de tempo. Não serão somente as lojas de diamantes — das quais dependem, direta ou indiretamente, as vidas dos judeus de Antuérpia — a fechar as portas, mas muitas outras atividades terão o mesmo fim, entre as quais a têxtil, que também despede os «estrangeiros». Das 7729 empresas geridas por judeus em 1940, quatro anos depois só restam 657. O ódio autoalimenta-se. As praças voltam a exibir as palavras de ordem do movimento flamengo pró-nazi Vlaams Volksbloch. Em poucas semanas, as fotografias descontraídas de Mala de braço dado com Charles dão lugar àquele tipo de sinalética. No dia 5 de dezembro de 1940, o registo de judeus de Borgerhout inclui «Malka Zimetbaum, residente em Marinisstraat 7, apátrida».

A vida torna-se duríssima. Por esta altura, a maior parte dos judeus está excluída das atividades laborais. No dia 14 de abril de 1941, durante a Páscoa judaica, do programa do cinema Rex faz parte o filme alemão de propaganda antisemita *Der ewige Jude* [O Eterno Judeu]. Pelas ruas de Borgerhout, para onde dão as janelas dos Zimetbaum, desfilam os paramilitares ultranacionalistas, as milícias flamengas Zwarte Brigade, as camisas negras das SS. No dia 14 de abril, duas das mais antigas sinagogas de Antuérpia, a casa do rabino Rottenberg e outros

edifícios são incendiados ao som de palavras como «Tribos de Judas vai para o inferno!» e, pela cidade, espalha-se o eco sinistro da Noite de Cristal. O recolher obrigatório é taxativo, mais do que em qualquer outra parte da Bélgica. Pinkas e Chaja têm sempre medo de sair. Em 1942, Mala, cujo sorriso desapareceu do rosto, perde o trabalho de secretária na American Diamond Company. Os únicos recursos da família passam a ser as orações do crente Pinkas e as ofertas dos fiéis na sinagoga doméstica montada em Marinisstraat.

«Quando ocuparam Antuérpia, a atividade dos diamantes esgotou-se. Por um lado, as importações foram interrompidas e, por outro, os alemães levavam todas as pedras. Os 90 por cento de judeus que sobreviviam à conta daquela indústria já não tinham nada que comer», diz, entre fotografias e recordações, Léon Schummer, de 79 anos, antigo presidente da ordem B'nai B'rith de Antuérpia. Naquela época era uma criança e vivia com a família a poucos metros de distância dos Zimetbaum. «O meu pai estava no comércio dos diamantes, estávamos bem na vida, mas a certa altura ele deixou de poder trabalhar. Mesmo que não estivéssemos tão mal como no gueto de Varsóvia, era muito difícil. Todas as manhãs havia uma nova proibição e, mais tarde, foi instituído o recolher obrigatório. Depois das 8 horas da noite só nos podíamos deslocar por cima dos telhados. A maior parte dos judeus era pobre e aqueles que estavam um bocadinho melhor tomavam conta à vez dos filhos das famílias mais carenciadas. Pinkas Zimetbaum recebia algum dinheiro com a sinagoga montada dentro de casa, mas tinha dificuldades.

Pedi-nos que tomássemos conta da Mala e ela almoçava todos os dias connosco. Vinha sempre, até ao momento em que fugimos de Antuérpia, em 1941. Nessa altura já sabíamos bem o que estava a acontecer noutros países, onde os judeus eram assassinados nas ruas. A Mala chegava ao meio-dia, com o seu cabelo claro, os olhos azuis. Eu era pequeno, mas estava fascinado por ela. Brincava comigo e com a minha irmã, ensinava-nos a pintar com aguarelas; eu só tinha uma caixa e não conseguia misturar as cores, mas ela tinha muita paciência.»

Algumas fontes afirmam que nestes meses Mala entra em contacto com a resistência local, as Brigade Blanche, o grupo fundado em 1940, em Antuérpia, por Marcel Louette, mas não há qualquer prova de que assim tenha sido. Léon Schummer, por exemplo, tem dúvidas: «Não fazia parte da resistência. A sua atividade política estava concentrada no Hanoar Hatzioni, um grupo sionista liberal que, depois, confluiu no Likud e que, nos dias de hoje, seria de direita. Estudava hebraico em segredo porque, à época, não era costume. Os religiosos eram antis-sionistas, não queriam o Estado de Israel porque esperavam pelo Messias».

A idade das ilusões chega ao fim. A Conferência de Wannsee confirmou e relançou, em termos de estruturas e de forças mobilizadas, a vontade nazi de levar por diante a «solução final» da questão judaica. A partir do verão de 1942, os judeus, obrigados a usar a estrela amarela logo aos 6 anos, são «convidados» a apresentarem-se com uma muda de roupa e comida na caserna do século XVII de Dossin, em Malines, nos campos onde, até há bem pouco

tempo, Mala e Charles andavam de barco a remos. O anúncio fala de um recrutamento de mão de obra destinada ao leste, mas, por muito desempregados e famintos que estivessem, apenas 3900 dos dez mil convocados respondem ao apelo divulgado através da Associação Judaica da Bélgica (AJB), o conselho judaico imposto pelos nazis em cada uma das localidades dos territórios ocupados onde existissem comunidades judaicas.

Charles ajuda Mala a procurar um esconderijo para a família em Bruxelas, onde o ambiente não está tão pesado como em Antuérpia. Ainda que as autoridades locais colaborem com os nazis, nem todos se comportam com o mesmo zelo. Um mapa alemão da época, em que estão assinalados todos os atos de sabotagem contra os ocupantes, mostra uma clara diferença entre o norte flamengo e o sul francófono, onde circula uma grande parte da imprensa clandestina. Bruxelas, por exemplo, sob a liderança do presidente da câmara Joseph van de Meulebroeck e, depois, de Jules Coelst, resiste à ordem de marcar duplamente os documentos dos judeus com a letra «J» e a estrela amarela já aplicada na roupa. Van de Meulebroeck pagará tais atos com a prisão por insubordinação e, somente no fim da guerra, recuperará o seu lugar no município. Outros 19 presidentes de câmara irão opor-se aos invasores até que lhes seja possível. Antuérpia não; não questiona e entrega-se com espírito colaborativo à SIPO-SD, a polícia de segurança nazi.

A História arrasta consigo outras pequenas histórias. Em junho de 1942, Adolf Eichmann programa as deportações em massa dos países da Europa ocidental para

Auschwitz, o que quer dizer comboios especiais para milhares de pessoas, prontos a partir todos os dias, a toque de caixa. O plano prevê que se comece a meio de julho: 40 mil judeus de França, 40 mil dos Países Baixos, quando Anne Frank já tinha começado a escrever o seu diário no caderninho que recebera no seu 13.º aniversário, dez mil da Bélgica.

Parece que, entretanto, Mala encontra um quarto em Bruxelas, na rue de la Poste n.º 9, uma rua sossegada a alguns quarteirões do jardim botânico, mas havia ainda algumas coisas por resolver antes de meter clandestinamente a família no comboio e abandonar a frenética Antuérpia.



2.

## A PRISÃO

**N**o dia 22 de julho de 1942, uma quarta-feira, logo de manhã, os nazis dão início à liquidação do gueto de Varsóvia. Seis dias antes, em Paris, consumara-se o dia mais vergonhoso do governo de Vichy, em que mais de 13 mil judeus, metade dos quais mulheres e crianças, foram capturados numa única rusga e enfiados no Vélodrome d’Hiver para serem deportados para Drancy e, dali, para Auschwitz. O Terceiro Reich expande-se por meia Europa. A Bélgica está numa grande agitação.

Mala recolhe-se na Bélgica, vai e volta num mesmo dia. Encontrado o esconderijo, o plano, que consiste em mudar-se com a família para a rue de la Poste, está em fase de conclusão. O tempo urge. No dia 13 de junho, o irmão Salomon, viúvo há alguns meses, fora preso pela Gestapo e deportado para o campo de internamento de Dannes-Camiers, no norte de França, onde a organização Todt, a mando dos nazis, dirige o estaleiro de construção da Muralha do Atlântico, uma extensíssima fortificação que os alemães haviam planejado contra os desembarques dos Aliados. Partiu juntamente com o cunhado Efraim Isak

Schipper, deixando o pequeno Herman com os avós e os outros dois filhos, Max e Bernard, no orfanato judaico. Charles apoia-a. É ele quem fará de tudo para obter os bilhetes de comboio, uma tarefa nada fácil devido às restrições de movimentos impostas aos judeus. Jochka acompanha-os até ao comboio e despede-se de Mala que, por sua vez, acena com a sua pequena mão do outro lado da janela e diz «Adeus! Vai correr tudo bem!». As duas irmãs nunca mais se voltarão a ver.

Durante a tarde, têm início os cercos às estações de Bruxelas, Malines e Antuérpia. Mala está a regressar a casa. Eva Fastag, que hoje tem 98 anos e vive em Israel, está no mesmo compartimento, numa carruagem no meio de dezenas de carruagens. Não se esqueceu de nada: «Ia de um lado para o outro todos os dias, porque trabalhava em Bruxelas como secretária. Tínhamos chegado à estação quando eles entraram no comboio, pediram-nos os documentos e começaram a separar os judeus dos que não eram judeus. Tinha, e tínhamos todos, a estrela amarela; só no escritório é que eu a tirava. Os que não eram judeus ficaram a olhar em silêncio, não me lembro de ter ouvido protestos. Apanharam-nos de surpresa, porque aquele era o primeiro grande cerco, e ninguém se tinha prevenido. Até àquele momento, os alemães prendiam apenas homens para mandar para os trabalhos forçados na construção da Muralha do Atlântico. Não sei por que razão Mala tinha ido a Bruxelas naquele dia. Estava sozinha. Conhecia-a de vista, porque morávamos na mesma zona. Sabia que o seu pai estava praticamente cego, que ela era secretária e que militava na juventude sionista, mas

nunca tínhamos falado uma com a outra. Juntamente com algumas centenas de pessoas, saímos do comboio e fomos metidas num autocarro. Não percebíamos o que se estava a passar e queríamos avisar os nossos pais. Mala, tal como todos os outros, estava inquieta, preocupada, não sabia o que fazer. Não sabíamos bem o que estava a acontecer, não sabíamos que íamos para Breendonk».

Breendonk é um forte do início do século xx, construído para defender a Bélgica de possíveis ataques alemães. Subvertido completamente na sua função original, foi ocupado pelos nazis em setembro de 1940 e, devido à sua posição estratégica, a apenas 20 quilómetros de Antuérpia, foi utilizado como campo de concentração e de trabalho. É aqui que são encarcerados os comunistas, os membros da resistência belga e os judeus, que constituem metade da população de prisioneiros e ficam separados dos outros.

Mala Zimetbaum faz parte de um grupo de cem mulheres, todas elas aprisionadas em Antuérpia. A notícia chega à cidade através de um jornal clandestino, o *Vrij België*, um dos boletins nascidos no verão de 1940, quando os serviços secretos da Bélgica, de Londres e de Moscovo começam a partilhar informação. As prisioneiras, extirpadas de todos os bens que possuíam, são amontoadas numa grande sala de chão imundo e ar bafiento, com um único balde para utilizar como casa de banho e um ambiente nervoso pela proximidade forçada e pelo medo. Comer é um desejo adiado até ao infinito. Duas chávenas de café de bolotas moídas e 125 gramas de pão de manhã, um litro de sopa ao almoço, mais duas chávenas de café e 100 gramas de pão com uma colherzinha

de compota à noite. Ninguém sabe, mas é um prenúncio do futuro que se avizinha. As perguntas multiplicam-se e não há respostas. É impossível escrever para casa ou comunicar com o exterior.

No sábado de manhã, os guardas vêm à procura de quem saiba falar alemão e de quem saiba escrever à máquina. Cinco mulheres oferecem-se: Mala Zimetbaum, Eva Fastag, Anna Lande, Clara Sander, Edith Silbermann. O que terão elas de traduzir? Irão comer mais? A sua situação irá melhorar? Pior do que aquele primeiro tratamento não poderia, com certeza, ser. Na segunda-feira, dia 27 de julho, à hora de almoço, as cinco raparigas são metidas dentro de um carro e levadas até Malines, onde as autoridades alemãs haviam acabado de inaugurar o campo de Dossin de Saint-Georges, o velho quartel recuperado e destinado à recolha dos judeus que irão ser deportados, sob a supervisão do emissário de Adolf Eichmann, Kurt Asche.

Malines, precisamente a meio caminho entre Antuérpia e Bruxelas, onde vivia a maior parte dos judeus, não havia mudado muito. Tinha seis mil habitantes e, nos dias de hoje, tem oito mil. O rio Dijle, que corre por baixo das pontes de ferro ornamentadas de flores cor-de-rosa e vermelhas, reflete as fachadas dos prédios que, naquele verão de 1942, viram suceder-se os primeiros comboios de deportados e, depois, todos os outros. O quartel de Dossin fica a poucos quarteirões de distância do centro, numa zona muito povoada, muito perto da estação ferroviária, onde, de manhã cedo, o taxista árabe liga o taxímetro, mas explica, por educação, que na verdade se pode

perfeitamente ir a pé de Stassartstraat 153 até Goswin, onde fica «aquela coisa dos judeus».

«Aquela coisa dos judeus» é o Kazerne Dossin, um museu da memória construído em cima das antigas casernas e ao lado do corpo central, em três níveis. Chove. Para setembro, está um frio gelado. Os dois grandes chorões em frente à entrada ondeiam ao vento pungente. Talvez houvesse sol no dia em que Mala e as outras chegaram, mas o edifício sóbrio que acolhe os visitantes é exatamente o mesmo. Basta apenas imaginar a moldura de arame farpado em redor, os prisioneiros descarregados em magotes, o pessoal comandado pelo feroz Philipp Johann Adolf Schmitt, o oficial das SS no comando tanto de Breendonk como de Dossin, conhecido pelo cão alsaciano que intimidava os prisioneiros e por ter sido o único nazi alemão a ser processado e julgado na Bélgica depois da guerra.

As raparigas não têm tempo para se interrogarem a si mesmas. São levadas a uma grande sala cheia de homens, todos em pé, encostados uns aos outros, com os olhos perdidos. Não podem falar com ninguém, têm de sentar-se a uma secretária e começar a registar nomes, apelidos, idade, profissão. A cada vida, um registo. Dia e noite, um ciclo contínuo. Os deportados chegam, são-lhes retirados os documentos, entregam aos guardas as carteiras e os objetos de valor que nunca mais voltarão a ver. No fim, fazem o registo.

Mala trabalha com a cabeça baixa durante todo o dia e dorme numa zona isolada e afastada dos outros prisioneiros, que ficam empilhados em grandes salas sem aquecimento, sem qualquer tipo de privacidade, distantes das

casas de banho: uma multidão de homens, mulheres e crianças. Conquistou uma posição avançada, não pode olhar para trás, compreendeu que quem parar está perdido.

«A Mala encorajava-nos, incitava-nos, era um estímulo contínuo para não nos deixarmos abater», diz Eva Fastag, que ficou no campo de trânsito de Malines até à libertação da Bélgica. No início, a própria rotina era complicada: «Tínhamos dificuldade em lavar a nossa roupa íntima, mas ela conseguia sempre encontrar um pedaço de sabão, um ferro de engomar, para tornar mais digna a roupa que vestíamos, um botão e uma agulha para coser. Era muito bonita e, sobretudo, era esperta, prática, hábil. Todos os dias fazia milhentas coisas e encontrava sempre uma forma de ajudar os outros. Não sei bem como, mas uma vez conseguiu recuperar os bens retirados a um judeu e restituiu-os à família. Talvez tenha até sido capaz de montar um esquema para se servir do gabinete de registo e enviar mensagens para o exterior».

No dia 1 de agosto, depois de dez dias de silêncio, os Zimetbaum recebem notícias de Mala. Jochka lembra que uma mulher foi até ao terceiro andar de Marinisstraat com uma caixa de fósforos, um cartão para receber comida e um bilhete com a caligrafia de Mala. «Estou em Malines, sou datilógrafa num escritório. Está tudo bem», escreveu Mala à mãe, a quem pede depois que entregue as joias que estavam dentro da caixa a uma tal de Madame Soundso, que morava entre Wipstraat e Somerstraat. Chaya, de 60 anos, cansada, aterrorizada ao mínimo barulho na rua, respira a energia da filha e ganha coragem. Espera pelo fim da tarde do domingo seguinte, para escapar aos

controles cada vez mais rigorosos, põe um xaile nas costas e sai. Em nome de Mala, Chaya restitui aos legítimos proprietários o pequeno património de vidas despedaçadas, regressa rapidamente a casa e, na sua imensa devoção, agradece a Deus com quem, possivelmente, se torna cada vez mais difícil dialogar.

De acordo com Giza Weisblum, Mala, nessa altura, consegue também comunicar com Charles. Pensa na fuga de Malines, planeia fingir uma insuportável dor de dentes, para depois obter das SS uma autorização especial para ir a um dentista e, uma vez fora dali, fugir com a ajuda de Charles. Na agenda castanha, onde o rapaz anota o número de dias que ficou sem notícias de Mala, a contagem não começa no dia da prisão, mas sim pelo menos duas semanas depois.

Em breve, a máquina de Malines era posta em marcha. No dia 4 de agosto, o primeiro comboio parte em direção a Auschwitz, com 998 pessoas, entre as quais 140 crianças. Eva Fastag vê-os entrar, um após o outro, nos vagões do comboio a rebentar pelas costuras e troca com a colega Mala olhares profundos. «Mesmo que não fôssemos amigas de velha data, tínhamos ficado ligadas uma à outra, trabalhávamos juntas na grande sala, onde também dormíamos, e a que chamavam de “Receção”. Diziam-nos que Malines era o purgatório. Eu escrevia os nomes das pessoas que eram presas, fazia as listas com as datas de nascimento. A Mala sentava-se a meu lado, tomava nota de tudo aquilo que aquelas pessoas tinham e que, teoricamente, deveria ser restituído às famílias, mas que, pelo contrário, acabava nos bolsos dos alemães. Malines era



como Drancy. Havia dias em que chegava lá muita gente e, de repente, desapareciam todos, os blocos esvaziavam-se. Alguns ficavam por ali muito tempo, outros apenas umas horas. Os alemães queriam que os comboios partissem com cerca de mil pessoas cada um. No princípio, passávamos a pente fino dois comboios por semana, depois o trabalho tornou-se menos regular porque os judeus perseguidos tinham compreendido o que se estava a passar e começaram a esconder-se. Também nós percebemos logo que a história do campo de trabalho a leste era uma treta, porque as pessoas desapareciam no nada».

Durante a adolescência, passada a ajudar a família e na militância no Hanoar Hatzioni, Mala aprendeu a arte de se desenrascar e punha-a agora em prática. Eva acompanha-a, neste mesmo limbo: «Acordávamos às 6h30, comíamos duas fatias de pão com uma espécie de café e, depois, íamos para o gabinete. Eram ciclos de trabalho muito longos, com uma única interrupção para almoçar uma sopa aguada. Havia 25 empregados, homens e mulheres, todos eles judeus à exceção dos chefes. Percorriamos nomes, rostos, histórias, maridos, mulheres, filhos. Passavam por mim primeiro e depois pela Mala. Era difícil comunicar porque as SS estavam sempre em cima de nós e tínhamos de falar alemão se não queríamos levar pancada. Ameaçavam-nos dizendo-nos que, se não tivéssemos cuidado, também nos punham no comboio. Tínhamos de ter sempre em mente quem vive. Quando o fluxo de pessoas presas diminuiu, os alemães não sabiam como encher os comboios e começaram a pescar pessoas na administração, onde nós estávamos.»

# MESMO NO INFERNO É POSSÍVEL ENCONTRAR O AMOR

A história real, mas injustamente esquecida, de um prisioneiro polaco e de uma judia que se apaixonaram no campo de extermínio de Auschwitz é aqui reconstruída pela jornalista Francesca Paci, tendo por base os arquivos do Museu de Auschwitz, bem como documentos da época e relatos das já poucas testemunhas deste amor.

Mala Zimetbaum é carismática, culta e altruísta, dando provas disso ao ajudar as suas companheiras de infortúnio. Edek Galiński é um indivíduo extraordinário: um dos primeiros deportados para Auschwitz-Birkenau, preso menos de dois meses após a abertura do campo de concentração, vê a máquina de genocídio nascer e crescer, mas nunca se deixa vergar.

Um dia, os seus caminhos cruzam-se no campo e o amor nasce, assim como a esperança de uma vida em comum. É então que, a 24 de Junho de 1944, Mala e Edek conseguem fugir ao inferno e viver alguns dias de preciosa liberdade.

Este relato de um conto de fadas, «sem final feliz, como às vezes acontece com os verdadeiros contos de fadas», dá a conhecer uma comovente história inexplicavelmente perdida no tempo.

v o g a i s

com todas as letras

20|20 editora

ISBN 978-989-564-187-1



9 789895 641871

Biografia